

LEMBRETE

(SENADO:

VULTOS DE HOJE
E DE ONTEM)

O senador Antônio Carlos Magalhães se levanta e parte para cima do colega Pedro Simon. Contido a tempo, por pouco não chega a produzir uma pitoresca (ou não propriamente pitoresca) cena de porradas no Senado. O episódio, ocorrido há cerca de um mês, quase foi repetido nesta terça-feira, quando os dois senadores voltaram a trocar insultos.

Shows inteiramente inadequados — nada parecidos, por exemplo, com o ambiente descrito por Machado de Assis na célebre crônica-memória “O Velho Senado”, incluída no volume Páginas Recolhidas e lembrada mais de uma vez, nesta semana, a propósito da performance do bravíssimo ACM.

Como teria sido a cobertura desses shows de Brasília na “pena” daquele que — ainda “adolescente espantado e curioso” — se impressionava diante de figuras eminentes do Império, como Eusébio de Queirós, Paranhos e Nabuco de Araújo?

No ano de 1860, Machado iniciava sua vida de jornalista, como repórter do Diário do Rio de Janeiro, dirigido por Saldanha Maranhão. Primeira missão? “Fazer o Senado”, como escreve o próprio Machado. Lá, já estavam, entre outros jornalistas, Bernardo Guimarães, do Jornal do Comércio, e Pedro Luís, do Correio Mercantil — dos

Arquivo



Machado:
“... um pouco de
homens, outro pouco
de instituição”

quais o jovem Machado tornou-se amigo íntimo.

Zacarias, Abrantes, Olinda, Cotejipe, Uruguai, Montezuma, Paranaguá, Itaboraí, Souza Franco, Caxias, Sinimbu... ufa! — enfim, não faltavam vultos grandiosos para impressionar o jovem “foca” no “Velho Senado” de 1860.

De Sinimbu, Machado escreveu: “Não apaixonava o debate, mas era simples, claro, interessante e, fisicamente, não perdia a linha.”

Nessa crônica, escrita muitos anos depois de sua estréia como repórter (“... tive há dias uma visão do Senado de 1860...”), Machado reconstitui um ou outro episódio e o comportamento de alguns senadores, discursos, reações, costumes e aspectos pessoais. “Gracejando entre si e com outros, tomando juntos café e rapé”, aqueles senadores compareciam regularmente ao trabalho: “Era raro não haver sessão por falta de quorum.”

Um ponto anotado por Machado ajuda a tornar

mais natural a lembrança dessa crônica agora, depois dos acontecimentos da terça-feira: “Nenhum tumulto nas sessões”, já que a “atenção era grande e constante.”

Eram raras as “sessões ardentes”, mas muitas eram “animadas”. E, nessas ocasiões, evidenciavam-se senadores como Zacarias que “fazia reviver o debate pelo sarcasmo e pela presteza e vigor dos golpes”. Esse senador, segundo Machado, “tinha a palavra cortante, fina e rápida, com uns efeitos de sons guturais, que a tornavam mais penetrante e irritante”. E, quando ele se levantava para falar, o efeito era inevitável: “Era quase certo que faria deitar sangue a alguém.” (Como reagiria aqui um bravíssimo senador como o nosso ACM?)

Já a palavra do velho Nabuco “era modelada pelos oradores da tribuna liberal francesa”. Paranhos monopolizava as atenções, falando com “moderação e calma”. E Montezuma? Esse tinha força moral suficiente para “empinar o busto” e ordenar a Souza Franco: “Recolha o riso o nobre senador”. (E o riso foi devidamente recolhido. O nobre senador ousara esboçar um sorriso de desdém enquanto ouvia o impoluto Montezuma.)

Enfim, relendo agora “essas minudências” que — segundo o cronista —, embora “agradáveis de escrever, sê-lo-ão menos de ler” (aqui o nosso Machado erra), cairia bem ordenar a alguns dos nossos parlamentares: “Recolham a grossura os nobres senadores.”